

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIAO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphæ Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.



O PANTHEON

GUIMARÃES 30 DE FEVEREIRO DE 1885

A Historia verdadeira da Inquisição e o Episcopado portuguez

ORGULHAMO-NOS em apresentar hoje, na pagina seguinte, a quarta approvação, que do venerando Episcopado portuguez obteve já a HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO, esse forte baluarte, erguido em meio da litteratura hodierna para combatter, fulminar e fazer desaparecer todos os inimigos do Santo Tribunal.

A approvação que hoje honra as paginas do *Progresso Catholico* é firmada pelo muito venerando Prelado dos Açores, o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dom João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, approvação que, junta ás dos Venerandos e dignos Prelados d'estes reinos, dos nossos leitores já conhecidos, formará a coroa mais brilhante, com que possa aureolar-se a fronte do notavel historiador hespanhol, o sr. D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo, e será para nós tambem a affirmação de que, com os nossos trabalhos editoriaes mereçer-

mos, as benções d'Aquelles que representam na terra os Discipulos de Jesus Christo, por Elle mandados ensinar todas as gentes, sem o beneplacito dos Cesares antigos ou modernos.

Ajoelhamos diante de S. Ex.^a Rev.^{ma} para agradecer a graça recebida, e emquanto de joelhos, pedimos a Deus conserve uma vida tão preciosa para a Igreja, para a Diocese dos Açores, e para nós que tantos beneficios havemos recebido de tão preclaro Pastor.

Teixeira de Freitas.

DOM JOÃO MARIA PEREIRA D'AMARAL E PIMENTEL, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo d'Angra e ilha dos Açores, do Concelho de Sua Magestade, Commendador da Ordem de Christo, etc.

A TODAS AS PESSOAS QUE A PRESENTE VIREM, SAUDE E GRAÇA

Tendo Nós lido parte da obra intitulada Historia Verdadeira da Inquisição, escripta em hespanhol pelo snr. D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo, traduzida em portuguez pelo revd.^o snr. Manoel José Gonçalves Preza, e editada pelo snr. José Antonio Teixeira de Freitas, de Guimarães, Nos pareceu mui interessante e proveitosa para dissipar as calumnias que os inimigos da Santa Igreja Catholica contra ella tem inventado a proposito da Inquisição; e por isso recommendamos aos nobres diocesanos, e principalmente ao Revd.^o Clero d'esta nossa Diocese, a leitura da mesma obra.

E para que a todos possa constar mandamos passar a presente, n'este Paço Episcopal d'Angra do Heroismo, sob nosso signal e sello, aos 5 de fevereiro de 1885. E eu, o presbytero Manoel Maria da Costa, Secretario de Sua Exc.^a Rev.^{ma} a escrevi.

JOÃO MARIA, BISPO DE ANGRA.

SECCÃO RELIGIOSA

Os principios catholicos perante a razão

II

O Deísmo

Continuado do n.º 1 pag. 6

Adoutrina do deísmo é tão falsa como absurda, e oppõe-se à razão do mesmo modo que a fé, pois reduzido o culto às condições de toda a invenção humana, forçoso é admitir quantas religiões produza a phantastica imaginação do homem, desde o sa-beismo (1) até á ridicula e grosseira adoração que os selvagens rendem a objectos desprezíveis. Qual de todas estas religiões pode ser a verdadeira? Responder-nos-hão sem vacillar que devem preferir-se os systemas discorridos pelos melhores pensadores e pelos philosophos mais sabios. Sabios eram os sacerdotes egypcios e phenicios, e com toda a sua sciencia não poderam convir no mesmo systema religioso; e profundos pensadores foram os antigos philosophos da Grecia, e contudo os seus escriptos repugnaram-se mutuamente. Epicuro negou a existencia do Eterno, os estoicos inventaram a alma do mundo, e Pythagoras a transmigração das almas: qual d'estes sabios acertou com a verdade? Atreverá-se o deista a defender que ha verdade em todos os systemas indicados? Não acreditamos que elle caia em semelhante absurdo, porque a negação de Deus sustentada por qualquer eschola philosophica, não pode harmonisar-se com a affirmação da sua existencia que Pythagoras, Socrates, Platão e Aristoteles professavam e nas suas obras defendiam. E qual foi a opinião do governo e do povo grego sobre tão oppostas theorias? D'esta vez enganou-se o consenso commum, inclinando-se para a parte do erro. Socrates ensinava a unidade de Deus, e nenhum philosopho d'aquelles tempos comprehendeu como Platão a immortalidade da alma e a existencia do Omnipotente; ninguem professava doutrina mais pura sobre a modestia e a frugalidade, nem chegou a explicar com mais acerto a relação da alma com a essencia divina: e Socrates, condemnado por impio, morreu ás mãos do ver-

dugo, e Platão, vendido como vil escravo, só recobrou a sua liberdade para soffrer de seus concidadãos perseguições incessantes, que não lhe deixaram descanso até ao tumulto. Foi este o uso que da sua soberania fez o povo Grego! Foi este o uso que fez da sua razão aquelle povo illustrado e livre! Continuou obcecadamente nos erros do seu grosseiro paganismo, desprezando a moral rigorosa de Platão, que tanto o aproximava do conhecimento das verdades reveladas. Os philosophos tão pouco poderam accordar n'um symbolo de crenças geraes, porque a sua razão os guiou por encontrados rumos. Veja-se pois quão impossivel foi e é na pratica a theoria ideal e absurda do deísmo.

Os racionalistas asseguram que sendo a razão o meio unico para descobrir todas as verdades, só ella pôde fazer-nos conhecer a Deus, ensinar-nos a servil-o e a dirigir rectamente as nossas acções.

Com quanto seja verdade que as luzes naturaes da intelligencia humana possam conhecer a Deus por meio da sua admiravel criação (2), é, todavia gravissimo o erro introduzido pela doutrina do racionalista applicada ao culto verdadeiro; porque sendo a religião o vinculo que estreitamente relaciona o homem com o seu Creator, só d'este principio ella pode receber a sua força obrigatoria, e o entendimento necessita de ser guiado por uma luz superior, sem o auxilio da qual facilmente o desvariam as suas paixões, o seu interesse, ou a equivocca apreciação do bem: sirvam de exemplo os sacrificios humanos praticados pelas falsas religiões como actos do seu culto: actos com que a razão não pode conformar-se por modo nenhum. Esta potencia é certamente a faculdade de discorrer, mas *não descobre as verdades de toda a especie sem outro auxilio que o da sua propria reflexão* (3). Se a razão fosse o meio unico e seguro para conhecermos todas as verdades, e descobrirmos o culto verdadeiro, não teriam os philosophos divagado tanto no erro, e necessariamente teriam convidado na mesma hypothese sobre os dogmas que formam o assumpto de maior interesse para a humanidade.

O racionalismo, que reconhece

(2) O Concilio do Vaticano acaba de decretar o Canon seguinte.... Siquis dixerit Deum unum et verum Creatorem et Dominum nostrum per ea quae facta sunt, naturali rationis humanæ luminæ certo cognosci non posse, anathema sit. Cap. II, de revel.

(3) Balmes,

em Deus o auctor de todo o universo, não poderá negar a sua providencia. Como se conceberá a idéa d'uma providencia, que não cuida de revelar ao homem o primeiro e mais importante de todos os seus deveres? Não pode crêr-se, como dizem os incredulos, que a providencia seja igual para todos os seres da terra; porque o homem foi creado superior a todos elles, e sobre elles exerce o dominio que lhe dá a sua alma racional: exigem pois uma providencia especial as suas faculdades racionais, e a esta providencia corresponde a revelação do culto verdadeiro. Deus creou o homem para um fim sobrenatural, como o demonstra o dom de entendimento, que o distingue das restantes creaturas, e não é possivel á razão humana alcançar por si só um fim tão elevado. A intelligencia racional, que procede de Deus, só pode ser uma regra secundaria das acções humanas.

O deísmo ensina uma doutrina funestamente desorganizadora, na sua applicação á existencia social dos povos, pelo direito que concede a cada homem de forjar para si um systema religioso, e por consequente uma moral para seu uso particular: liberdade imprevidente que fomenta as paixões e legalisa o vicio, ampliando a esphera do direito mais além dos principios naturaes (4). O deísmo que ensinaram os philosophos do seculo XVIII preparou a revolução mais terrivel e espantosa, cujos excessos repugnantes teriam afinal aniquilado a nacionalidade franceza, se um genio superior não lograra dominar a mais louca anarchia. E como conseguiu elle restabelecer a ordem necessaria para a prosperidade e engrandecimento d'aquella nação desconcertada pelos crimes d'um drama tão horrivel?... Fazendo-a voltar resolutamente á unidade catholica.

Os racionalistas e os deistas, identificados em principios, professam um semi-atheismo, que necessariamente os leva à duvida desconsoladora e afflictiva, e á indifferença religiosa mais terrivel; atheismo pratico de difficil cura.

O grande dialectico do seculo XIII e profundo pensador Sancto Thomaz de Aquino, consignou a sua opinião sobre o deísmo nas seguintes phrases, que copiamos para terminar este capitulo, dedicando a mais grata recordação ao inspirado auctor em cuja admiravel

(1) O culto rendido aos astros foi o primeiro erro em que caíram os homens, depois que abandonaram a religião revelada.

(4) Nas Côrtes Constituintes hespanholas de 1869 defendeu-se que o homem tem direito ao mal.

Summa adquirimos o nosso escasso conhecimento das sciencias ecclesiasticas (5). «Tres inconvenientes se seguem de abandonar a razão por si só o descobrimento da verdade. O primeiro é que são poucos os homens a quem seria possível alcançar o conhecimento de Deus; porque tres cauças impossibilitavam a maior parte d'elles de se consagrarem ao estudo das sciencias, as quaes são a debilidade da sua compleição, a pobreza e a falta de applicação. O segundo inconveniente consiste em que passariam muitos annos de estudo aquelles que lograssem por fim adquirir o conhecimento da verdade. O terceiro inconveniente é a debilidade do entendimento humano, que geralmente mistura muitos erros nos seus descobrimentos (6).»

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO SCIENTIFICA

As conferencias quaesmaes na Sé do Porto em 1884

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

IV

O Apostolado do Clero em face da—Harmonia social

(Continuado do n.º antecedente)

Penremos no recinto sagrado do templo, nas horas dos mais augustos mysterios.

Ahi está o altar disposto o preparado para a immolação da victima de infinito valor. Em face d'elle vêdes apenas grupos, mais ou menos numerosos, de fieis, que aguardam o momento solemne do grande sacrificio; mas abri os olhos da vossa fé, e dos cobrireis que esse altar é o centro do mundo. Por sobre elle paira a infinita magestade do Empyreo, os côros angelicos, sobraçando as suas lyras d'ouro, e o innumeravel tropel dos escolhidos ostentando as suas grinaldas immarcessiveis. Pairam ahi, para fazerem o cortejo A'quelle d'onde dimanara a luz e a graça, que os elevou ás eminencias da perfeição e da gloria. Abaixo do altar estanciam todos os que soffrem em regiões mys-

teriosas d'além mundo, onde se purificam e acrisolam na fragoa viva da expiação. Estanciam ahi, porque é tambem em favor d'elles, para allivio dos seus penares, que vai derramar-se o sangue do Cordeiro immaculado. E, em roda do altar, enfim, congregam-se todos os povos, todas as nações da terra do Septentrião ao Meio-dia, do berço da aurora ao occaso do sol. Congregam-se ahi, porque aquelle sacrificio ineruento, sendo, como é, o mesmo sacrificio da Cruz perpetuando se, embora por modo differente, atravez de todos os seculos, abrange-as a todas na orbita immensa dos seus illimitados merecimentos.

Que magestoso espectáculo! . . .

O Empyreo espera suspenso, a região purificadora espera anciada, o mundo todo espera supplicante, quem? O Padre, o filho do pó, eleva-lo á sobreeminente dignidade o incomparavel grandeza de ministro e dispensador d'aquelles assombrosissimos mysterios! . . . E o Padre chega; murmura algumas preces; sobe os degraus do altar, e . . . oh! se ali estivesse o egoismo e se compenetrasse do profundo sentido d'essas preces tão singelas mas tão expressivas, tão conceituosas, tão eloquentes! . . .

Kyrie eleison! diz o sacerdote: e a sua voz é a voz da humanidade inteira que se levanta de todas as extremidades da terra, soltando do intimo da consciencia o brado da sua inisoria, e exclamando com elle—*Kyrie eleison!* Senhor! tende compaixão de nós! . . .

Que lição!

Eis-ahi a humanidade em pezo protestando solememente contra o egoismo do orgulho, que todo se vangloria na sua entidade, tributando-lhe preitos até ao culto, até á autolatria, sem se lembrar do nada que é, e do menos que vale, sendo muito que mereça á suprema Grandeza um volver d'olhos compadecidos. *Kyrie eleison!*

Mas attentae que, logo em seguida, ouve-se o caloroso—*Gloria in excelsis Deo!* E tudo canta gloria com o sacerdote: gloria os canticos dos anjos, gloria as harpas do ceu, gloria os choros das estrellas, gloria os hymnós da tormenta, gloria o murmurio dos bosques, gloria o estampido das vagas, e *Gloria in excelsis Deo;* pregôa, enfim, o universo todo, como um orgão ingente sem uma unica nota discordante.

Que lição!

Eis ahi o universo inteiro protestando solememente contra o egoismo da ambição, que acalcanha tudo, espesinha tudo, sacrifica tudo quanto encontra em sua passagem vertiginosa, para exaltar-se ao fastigio das hon-

ras humanas, sem se lembrar que são ephemeras todas as glorias do mundo, e que todas devem reportar-se á eterna gloria de Deus—*Gloria in excelsis Deo!*

Credo! recita pouco depois o sacerdote. E dezenove seculos de Christianismo, e tudo quanto n'esses dezenove seculos cingiu intemerato o diadema de luz que fulgura na fronte do genio, e deixou após de si um rastro luminoso no vasto campo da sciencia; tudo quanto alteou vôos de aguia, e abriu caminho para novas conquistas nos dominios inexplorados do pensamento; tudo quanto manejou uma penna inspirada, e lavrou uma pagina monumental que fez epoca na historia da litteratura,—tudo vem conclamando unisono como elle—*Credo!* Creio!

Que lição!

Eis-ahi as gerações de dezenove seculos com todas as suas grandezas scientificas mais puras, mais acuminosas e mais festejadas, a protestarem solememente contra o egoismo racionalista dos nossos tempos, que pretende exaltar a razão humana acima de Deus, dando-lhe fóros de soberana omnimodamente independente, sem se lembrar que ella encontra segredos, que não devassa, no proprio atomosinho silicoso que o vento leva, e que, por con eguinte, para elevar-se ao mysterioso, ao incomprehensivel, ao infinito, para onde tendo irresistivelmente, necessita de curvar-se perante a auctoridade da fé, dizendo-lhe com firme adhesão—*Credo!* Creio!

Sursum corda! Exclama ainda o sacerdote do Senhor. E tudo no templo repete com elle—*Sursum corda!* elevae-vos, corações! *Sursum corda!* repetem as naves arrojadas, as elegant's arcarias, as columnas magestosas, as torres com as suas grimpas a perderem-se nas regiões das nuvens, a mergulharem-se nos arreboes do ceu, e tudo a guindar soberanamente o espirito para as alturas inacessiveis do infinito.

E este sublime *sursum corda!* é ainda uma lição ao egoismo, áquelle que mais accentuada e fatalmente predomina no seculo actual—o egoismo materialista, que, de feito, tudo inspira, tudo aspira, tudo respira n'este seculo, que parece não ter outro ideal senão saturar de gosos todo o ambito do coração humano, sem se lembrar que saturar-o de gosos é onerar-lhe as azas expansivas, é enervar-lhe os sentimentos generosos, é atrophiar-lhe a vida, é o mesmo que dizer-lhe:—*Corração! gosa e morre!*

Silencio! . . . Acaba de realizar-se o successo mais extraordinario e mais pasmoso que jámais podem registrar os annaes do genero humano. Deus, a

[5] No anno de 1832 muitos Seminarios conciliares de Hespanha tinham adoptado a Summa de Sancto Thomaz como obra de texto e entre elles o nosso molvidavel collegio de Tortosa.

[6] Sancto Thomaz, lib. I, contr. gent., cap. IV.

suprema Boudade, a suprema Belleza, o supremo Bem, baixou a esta terra do nosso exilio, lobreja, inclomente, e lacrimosa!

Volvei os olhos áquella ara illuminada do sacrificio, e contemplae-o por um instante n'aquella Hostia purissima, que o sacerdote acaba de alevantar por sobre as multidões prostradas e recolhidas. Contemplae-o... que humilhação!... O que elaborara d'um mar de crystal e tauxiara de prefulgidos brilhantes a immensa cerulea concha dos ceus, e encerrara nas entranhas occultas da terra os cofres de quasi infinitos thesouros; o que accendera com um sopro dos seus labios as myriadas de luzeiros que scintillam no firmamento, e com um leve toque do seu dedo faz irromper nuvens de chamas das gargantas calcinadas do vulcão; o que acena e os heroes surgem, e aponta-lhes para os seus destinos e elles marcham, e á sua voz os imperios levantam-se e conquistam a gloria, e derramam pela face da terra a luz dos seus sabios, o bem dos seus benemeritos e a civilização dos seus codigos. Esse—é o que está ahí sobre essa singela ara, pobre, silencioso, obscuro, circumscripto a uma tenue fórma, nem homem sequer parecendo aos olhos do homem! Que humilhação!.. Contemplae-o.

Ahi emmudece a magica potencia d'aquella palavra, com que Elle, ao passar pelo mundo, envolto nos miseros sendaes da nossa humanidade, assombrara os desertos e os povoados da Palestina; nem se descobre o esplendor dos seus actos, que enlevava os corações, arrastava-os para a fé, e enchia d'espanto os seus proprios adversarios; nem brilha o cunho da divina magestade, que illuminava o seu rosto; e nem ao menos um raiosinho amortecido da sua gloria, que outr'ora transparecera ainda no meio dos seus mais profundos abatimentos, e fazia estremecer o mundo arremessando-o no pasmo. Que humilhação!

E quereis saber o que Elle me responde quando eu, ao contemplal-o todos os dias submisso á minha voz e ao arbitrio das minhas mãos indignas, lhe pergunto abysmado, mal sabendo o que mais admirar—se a elevação da minha miseria, se o abatimento da sua grandeza—Senhor! para que tantas humilhações, tamanho sacrificio? sabeis o que Elle me responde? Abraça-se á sua Cruz, e diz-me: *Abneget semetipsum!* Abneque-se a si mesmo o homem.

Comprehendeis? Eis o egoismo ferido de morte, e toda a sciencia da harmonia social maravilhosamente synthetizada em duas palavras, e sanc-

cionada pelo mais altiloquo dos exemplos.

Senhores! Para se vencer o egoismo e se implantar devidamente a harmonia nas sociedades, é necessario um sacrificio, sacrificio em que o homem seja ao mesmo tempo victima e sacrificador; é necessario uma immolação, immolação em que o eu seja immolado pelo proprio eu em favor de todos, pelo bem estar de todos; sobre as aras da prosperidade social: *Abneget semetipsum*. E Jesus Christo assim o faz sobre o altar do sacrificio incruento, onde, como sabeis, Elle é victima e sacrificador ao mesmo tempo, e onde a si mesmo se immola em prol de todos, para redimir, sanctificar, e glorificar a todos. Que immolação e que sacrificio!

Percorrei a longa estancia mensurada pelos passos da historia; remontae-vos no oceano dos tempos até onde quer que floreaça uma escola de philosophos, ou se celebrem os mysterios d'uma religião; lançaes ao longe e ao largo os olhos do vosso espirito; e, regressando d'essa longa peregrinação, dizei-me depois: vistes porventura, vistes em parte alguma proclamar-se e exemplificar-se assim uma doutrina? Não. E tambem nunca vistes doutrina e exemplo, que mais poderosa e efficaçmente actuasse na humanidade.

Ha quasi dous mil annos que aquelle altar se erigiu no mundo, e elle tem sido sempre o centro de impulsão de toda a vida de sacrificio. Reparae bem: do pé d'aquelle altar levanta-se, tem-se levantado ininterrompidamente uma serie de grandiosos vultos aureolados com as benções mais estremadas dos povos, e com a gratidão mais sincera dos seculos. Quem são? São os homens abnegados, os anjos da caridade, os bemfeitores do genero humano. Reparae bem: esses homens, esses holocaustas vivos, esses martyres da dedicação ajoelham diante do altar eucharistico, mergulham o pensamento nas profundezas do mysterio que ahí todos os dias se consumma, recebem, e como que encorporam consigo a victima de infinito amor pelos homens, que ahí todos os dias se immola, e, ao erguerem-se, sentem incendida no peito a paixão do sacrificio, e exclamam cantando o hymno da derrota do egoismo e do triumpho da caridade—*Vivo jam non ego, vivit in me Christus*. O eu já não vive em nós; está morto: *Vivo jam non ego*. O que vive em nós é a vida de Christo, a vida da abnegação, a vida do amor, que se sacrifica: *Vivit in me Christus*. Reparae bem: entre esses illustres do sacrificio avulta singularmente (e não podia deixar de ser assim) avulta,

em numero e heroismo, aquelle, que mais intima e profusamente participa do sacrificio do altar,—o Padre, que tem sido, e será sempre, o homem da dedicação por excellencia, o genio luminoso e dulcissimo da caridade, que vive a morrer para si a toda a hora e a todo o momento, vivendo só para estrellar todas as noites, e balsamisar todas as dôres, para desapertar todos os grilhões, desparzir todos os beneficios, e para transmutar todas as lagrimas que cahem na terra em perolas que se enthesaurisam no céu.

Deixae, pois, homens da reconstituição, ou antes, homens da demolição social, deixae estar ali aquelle altar e o Padre, sem o qual o altar não tem razão de ser. Se os banis, secca-se a fonte de toda a abnegação generosa, que sabe desprender-se de si, e sacrificar-se. Exemplo — as religiões que supprimiram, ou alteraram o sacrificio eucharistico. Já não ha eniro os adeptos d'essas religiões *simulacros* vitalidade magnanima para os grandes rasgos do heroismo, que se immola em proi da humanidade.

E se hoje o egoismo predomina mais ou menos em todas as classes sociais; nas classes scientificas, onde o eu para conquistar um nome e uma aura se torna *Erostrato* do templo da verdade; nas classes litterarias, onde o eu para gananciar o oiro que o fascina vende a penna e o talento e já não segue a luz da ideia, nem a inspiração do genio, nem o impulso do coração, mas as imposições do mercantilismo; nas classes artisticas, onde o eu converte o talento de realisar o bello na habilidade de realisar o lucro, e não se peja de exhibir o impudôr em toda a sua nudez, para especular com a immoralidade do seculo; nas classes abastadas, onde o eu malbarata nos excessos do luxo e da ostentação o que devera enxugar as lagrimas de muitos dosventurados; nas classes operarias, onde o eu instruido nos ensinios da economia materialista só reconhece como lei unica da sua vida esta formula embrutecedora—*trabalhar para gosar*; se eu vejo o egoismo assoberbar este seculo, ameaçandolos, talvez, d'um porvir desastroso, é porque ninguem, ou quasi ninguem, se compenetra dos divinos ensinamentos do sacrificio do altar, e já não ha respeito ao sacerdote, agente e reflexo vivo d'esses altissimos mysterios do infinita caridade.

Deixae estar alli aquelle altar, homens da reconstituição social, e o Padre, sem o qual o altar não tem razão de ser. Se os banis, não será a figura magestosamente dolorida do propheta dos lamentos que, surgindo d'en-

tre as cinzas dos seculos, virá lamentar plangente as ruinas do templo, a desolação e a soledade do sanctuario; mas será a figura sinistra do egoismo que, empunhando o camartillo de todas as destruições, bradará gososo e triunphante—*Ego regnabo*. Já não tenho barreiras! Demoliram as aras do sacrificio no templo, facil me será demolir as aras do sacrificio na sociedade. Vou demolil-as; e sobre as suas ruinas levantarei o meu throno, e reinarei desassombadamente—*Ego regnabo*.

Deixae estar alliaquelle altar, homens da reconstituição social, e o sacerdote, se n o qual o altar não tem rasão de ser; e que Deus vos perdõe, ó cegos de tanta luz, o empenho com que lidaes, para extinguides, nas gerações presentes, o respeito e a vene-

ração ao que tão admiravelmente contribue para se effectivar o grande ideal da união e da harmonia, que ordena, roborisa e felicita as sociedades.

Sim, divino Crucificado! ainda mais uma vez, perdoae aos que pretendem inculcar e tornar desprezível como uma nullidade, e até como um estorvo social, o vosso Ministro, o continuador, atravez dos seculos, d'aquella divina missão de paz, de união e de harmonia para toda a humanida, que vies-tes exorcer sobre a terra, o que os anjos saudaram entre canticos de jubilo, ao vel-a alvorejar na aurora festiva de Belem, e a natureza inteira pregou com espanto a todo o mundo, ao vel-a consumir e assellar com o vosso proprio sangue, no occaso luctuoso do Calvario; perdoae, divino Crucificado, aos que não comprehendendo,

ou não querendo comprehender que o altar, onde todos os dias vos immolaeis por nosso amor, é a sublime escola e o mais poderoso incentivo do sacrificio, raiz e corôa de toda a vida elevada, nobre, e harmonica nas sociedades, olham com indifferença para esse altar, o couo supremo desdeem para o ministro d'ello, e fazem votos até para que altar e Ministro desappareçam por uma vez no que elles chamam a evolução renovadora do progresso moderno; perdoae-lhes que elles não sabem o que pensam, o que sentem, o que desejam, o que fazem; e, assim, como descou sobre os que, sem saberem o que faziam, vos crucificavam, desça tambem sobre elles o pregão da vossa infinita misericordia!

Fim da 1.ª Conferencia.

SECÇÃO HISTORICA

Taboa Chronologica de todos os Bispos, Arcebispos e Bispos Titulares Coadjuutores da antiga e muito illustre Igreja de Braga desde a sua fundação até ao presente (1885)

III

BISPOS TITULARES COADJUTORES

(Continuado do n.º 6)

| Numero d'ordem | Nomes | Titulos | Arcebispos de quem foram coadjutores | Annos que serviram |
|--|------------------------------------|-----------------------|--|--------------------------|
| 1 | D. Antonio..... | Bispo de <i>Croja</i> | D. Fernando Guerra | 1443-1458 |
| 2 | D. Gil..... | » <i>Titopolis</i> | D. Fernando Guerra,—D. Luiz Pires,—D. João de Mello,—D. João Galvão e D. Jorge (I) da Costa. | 1461-1487 |
| 3 | D. Cremes da Rocha..... | » » | D. Jorge da Costa II,—D. Jorge da Costa I (<i>segunda vez Arcebispo</i>),—e D. Diogo de Souza. | 1494 |
| 4 | D. Francisco da Fonseca... | » » | D. Jorge da Costa II,—D. Jorge da Costa I, (<i>outra vez Arcebispo</i>) e D. Diogo de Sousa. | 1499-1512 |
| <p><i>Nota</i>—A historia faz menção d'um D. Duarte Bispo Coadjuutor Titular de <i>Dume</i> contemporaneo de D. Francisco da Fonseca, o qual deu ordens em Bragança, etc.—É crível que fosse coadjutor de Salamanca ou de outra egreja e que exercitasse tal acto com permissão do Arcebispo de Braga.</p> | | | | |
| 5 | D. Gonçalo de Amorim.... | » » | D. Diogo de Sousa. | 1518-1519 |
| 6 | D. André de Torquemada... | » <i>Dume</i> . | D. Diogo de Sousa,—D. Henrique,—D. Diogo da Silva,—D. Duarte,—D. Manoel de Sousa e D. Fr. Balthasar Limpo. | 1552 |
| 7 | D. Francisco da Conceição.. | » <i>Missialense</i> | D. Fr. Balthasar Limpo,—D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e D. João Affonso de Menezes. | 1552 |
| 8 | D. Francisco de St.ª Maria . | » <i>Fez</i> | D. João Affonso de Menezes e D. Fr. Agostinho de Castro. | 1596 |
| 9 | D. José Queimado..... | » » | D. Fr. Agostinho de Castro e D. Fr. Aleixo de Menezes. | 1599-1618 |
| 10 | D. Antonio dos Santos..... | » <i>Nicomedia</i> | D. Fr. Aleixo de Menezes,—D. Affonso Furtado de Mendonça,—D. Rodrigo da Cunha e D. Sebastião de Mattos de Noronha. | 1612-1641 1639-164... |
| 11 | D. Francisco de Faria..... | » <i>Martyria</i> | D. Sebastião de Mattos de Noronha. | |
| 12 | D. Antonio Botado..... | » <i>Hipponia</i> | D. José de Menezes,—D. João de Sousa e D. Rodrigo de Moura Telles. | 169...-1715 |
| 13 | D. Luiz Alvares de Figueiredo..... | » <i>Uranopolis</i> | D. Rodrigo de Moura Telles. | 1716-1735 |

| Numero d'ordem | Nomes | Titulos | Arcebispos de quem foram coadjutores | Annos que serviram |
|----------------|--|-------------------------------|--------------------------------------|--|
| 14 | D. Eugenio Boto da Silva... | <i>Bispo de Aptalonia</i> | D. José de Bragança. | 17...-1777 |
| 15 | D. José de Oliveira Callado. | » <i>Mauricastro</i> | » | |
| 16 | D. Francisco José de Sousa. | » <i>Ihora</i> | D. José da Costa Torres. | 1808-1811 |
| 17 | D. João José Vaz..... | » <i>Carrhes</i> | D. Fr. Miguel da Madre de Deus. | 1829-1830 |
| 18 | D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa..... | Coadjutor e futuro successor. | D. José Joaquim d'Azevedo e Moura. | 13 de junho de 1875—10 do março de 1877. |

RESUMO :

Tem tido a antiga e muito illustre egreja de Braga até ao presente anno de 1885, 64 Bispos—59 arcebispos e 18 Bispos Titulares Coadjutores. Dos seus Prelados 24 estão no catalogo dos Santos, sendo 7 martyres. Dos restantes um foi Papa (*João XXI*), outro foi rei de Portugal (*D. Henrique*), outro Anti-Papa (*D. Mauricio Burdino*), quatro foram filhos dos nossos reis, (*D. Duarte, D. Henrique, D. José de Bragança e D. Gaspar de Bragança*), quatro foram cardeaes, (*D. Jorge T. da Costa, vulgo Cardeal d'Alpedrinha, D. Henrique, D. Verissimo de Alencastro ou Lencastre e D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello*).

P.^o Alfredo Elviro dos Santos.

Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Egreja, desde Herodes até nossos dias.

(Continuado do n.º 3)

VIII

CALIGULA, IMPERADOR DE ROMA

(Morreu no anno 41 da era christa)

Tão grandes, tão espantosos foram os crimes, praticados por este monstro coroadado; ultrapassaram as suas leviandades tanto as raías do possível, que, á mingua de termos com que denominar taes crueldades, nos limitamos a repetir — Caligula foi um monstro! A lascivia que o brutificára, arrastou-o ao incesto com sua irmã Drusila; a soberba que o dominava não se satisfazia com as honras que lhe dispensavam, proprias só para os idolos pagãos; e milhares de victimas, morrendo, proclamavam a crueldade do tyranno.

Monstro de crueldade e impureza, Caligula tinha a pedantesca pretensão de se fazer passar por deus, chegando muitas vezes a mandar separar as cabeças das estatuas dos deuses, para as substituir por outras,



AS PYRAMIDES DO EGYPTO

que representavam a sua propria cabeça, não duvidando até collocar-se entre as proprias estatuas, para que o pobre povo, esse povo estupidencialisado pelo paganismo, o adorasse como um deus! E não contente com isto, o despota fazia mais:—chamava-se a si Jupiter, e apresentava-se com as barbas douradas, e empunhando um raio!

São assim todos os despotas. Quantos pequenos Caligulas nós vemos por ali, por esse mundo de Christo, que, não sendo ho-

mens para dobrar o joelho, ou para se descobrirem, ao menos quando o SS. Sacramento passa por elles, não consentem que se lhe falle com o chapéu na cabeça, e, nas suas secretarias não dão a palavra a algum, se não pedindo-a supplicie e humildemente.

Isto vem de longe. Caligula queria as honras que o paganismo dava a todos os deuses, e por isso umas vezes se fazia conduzir levando um tridente para ser Neptuno, outras uma lyra para ser Apollo. Uma lança e um escudo o fazia Marte, uma pesada massa Hercules, e quando queria, o monstro, representar Venus, ornava a fronte com uma coroa de mirto. E até queria representar Diana, a formosa caçadora, e para isso eil-o de arco e aljava!

Até onde pôde chegar a pretensão de uma besta-fera, que dominava sobre todo o mundo então conhecido!

Mais ainda. Quando queria apresentar-se como um heroe, quando pretendia parecer-se com

o grande Alexandre, cobria-se com as roupagens d'este famoso conquistador, que fizera roubar do sepulchro onde descansavam seus restos. Ornamentos triumphaes, coroa de louro ou de precioso metal, bastão de marfim, isso sempre ostentava o tyranno, envolto em custoso manto de purpura, constellado de palmas.

E assim viveu o barbaro, imitado hoje por muitos potentados que especulam os povos em nome do progresso.

Mas um dia veio em que as cadeias da opressão haviam de cair feitas pedaços, deixando livre o braço que havia de apunhalar o infame coroado. Sim, um dia, Casio Quereza, capitão das guardas cesarianas, escudado por outros conjurados, penetrou em seus aposentos e com trinta punhaladas tirou a vida ao monstro, assassinando tambem sua quarta mulher Cesonia e sua filha. O corpo do tyranno foi feito pedaços.

Assim deixou a terra o 8.º perseguidor da Igreja e inimigo da humanidade.

(Continua).

T. J. de E. Frias. (1)

(1) O meu artigo de paginas 34 e 35 d'este volume sahio firmado assim: T. G. de E. Frias, quando devo ser como agora o assigno.

SECÇÃO CRITICA

Africa

A République française è tambem o titulo de um jornal, que se publica em Pariz; e este jornal foi fundado por Gambetta como o seu órgão na imprensa periodica, e por consequencia o echo de aquelle blasphemo thema — O Clericalismo è o inimigo, envolvendo em Clericalismo todos os Elementos e esforços Catholicos para sustentar a Religião Catholica Apostolica Romana em França. Morreu Gambetta (Deus lhe pedoasse!) e o periodico referido continuou a ser gambetteiro; agora, è n'este mesmo periodico que foi publicada uma correspondencia do Soudan, na qual è págo um justo tributo aos Missionarios Catholicos, e ás Irmãs de Caridade que bem podem ser chamadas Missionarias! Aquelles e estas, expõem-se a mil perigos para a conversão dos inféis e assistencia caritativa a elles nas regiões barbaras da Africa, e nas outras partes do Mundo. Vejamos o que diz aquelle correspondente da République française: «A cidade de Kéren

foi invadida e tudo foi saqueado sem que os soldados egypcios tivessem ensaiado sahir do forte para a defender. Em taes circumstancias deixo-vos pensar em que transes nós aqui nos achamos a respeito da Missão franceza, estabelecida n'esta cidade, e que se compõe do Bispo (Monsenhor Touvier) e de uns vinte membros, tanto sacerdotes como Irmãos; e de nove Irmãs da Caridade, cuja Superiora é a Irmã Lequette, do Instituto de S. Vicente de Paulo; esta Irmã Superiora teve por irmão o antigo Bispo d'Arras, em França. Informamos-nos immediatamente do que lhes tinha acontecido. Nenhum mal lhes tinha sido feito em suas pessoas, graça á actividade moral e á energia de Monsenhor Touvier, que soube impor-se aos barbaros; não pode porém impedir que estes arrombassem as portas da sua igreja, nem que o saque deixasse de se verificar n'esta.

«O consul interino de França, M. Labosse, fez tudo quanto pode para decidir a Missão a deixar Kéren e assim evitar maiores males ainda. Mas a Missão negou-se absolutamente a deixar Kéren. Monsenhor Touvier e a Superiora das Irmãs da Caridade deixaram toda a liberdade para se retirarem os seus subordinados, mas nem um só de estes se quiz aproveitar da liberdade que lhes foi competentemente deixada, todos quizeram ficar com os seus superiores: e estes declararam que não abandonariam seu posto senão com ordem formal de seu Superior Geral de Pariz; estavam elles, de mais a mais, pensando que sua presença poderia, n'uma certa medida, limitar as exacções dos malidistas e assim poderem ser proveitosos ás desgraçadas povoações do sitio; este argumento tinha força pelo prestigio ali dos francezes aos mulsumanos (devido ás Missões Catholicas).

«Mas esta resolução firme não me nos me entristeceu, porque, na esperanza de um bem muito problematico, pôde tal resolução ter por consequencia a morte de um certo numero de Francezes e Francezes (a Missão toda) em cuja Fé Religiosa, haverá quem não tenha parte, mas eu devo confessar que *le courage*, no meio de estas *poupeles barbares, ne peut que rehausser le prestige de notre pays* (a França).» Logo o Clericalismo não è o inimigo da França. Assim a República franceza official e os republicanos que de tal nome se dizem em França respeitam, e até coadjuvam e exaltam, as Missões Catholicas, o clero e os Institutos Religiosos — Frades e Congregados, Religiosas e Congregadas dos Conventos — nas Colonias francezas e outras regiões fora de França, quando n'esta têm perseguido e perseguem aquelles mesmos Institutos Religiosos e seus Membros. Se tal gen-

te republicana se porta como dissemos relativamente ao exterior è louvavel; porém è altamente condemnavel por seu comportamento no interior. Esta, como outras contradicções, è o proprio dos maçonico-revolucionarios quando não fazem sempre mal. Hoje ha gente, que ainda admite a Religião, mas só quando lhe parece que a mesma Religião lhe pôde ser util para seus fins humanos, o que è heretico; o Diabo tambem ás vezes se apresenta vestido á Santa. Com o laudo e com o non laudo, applicado aos republicanos alludidos e na especie alludida, ficamos a salvo em nosso desejo de justiça distributiva, conformando-nos assim humildemente com a Vontade de Deus! Digamos com verdade o que as causas sam e como sam, satisfazendo a Justiça e a Caridade! Todo esse embroglio (moderno e modernissimo) vai a terra com a Catholica Logica e com o distenguo de Esta que separa o trigo do joio! O verdadeiro Philosopho, qual è o Philosopho Catholico è sempre vencedor!

27—1—85.

Dom Antonio d'Almeida.

Coisas! Coisas!

S frades! Sempre a pedantesca estulticia, d'esta instituição dos seculos do obscurantismo! Sempre elles, os inimigos do progresso, como lhe chamam os comparsas dos bordéis e dos lupanares! Sempre o frade, esse espectro, que tanto amedronta a sciencia balofa do presente seculo, a tomar a dianteira em todos os commetimentos!

Em um certamen celebrado em agosto ultimo pela Academia de Sciencias e Artes, de Cadiz, obteve o primeiro premio, que consistia em duas formosas estatuas de bronze, representando Newton e Franklin, o Padre Angel Rodriguez, frade agostinho do convento de filippinos de La Vid.

Agora querem saber os nossos leitores, sobre que tratava a memoria apresentada á dita Academia pelo humilde filho do claustro? A descripção dos extraordinarios fenomenos crepusculares observados em fins do anno de 1883 e principios do de 1884, data das primeiras observações, fases e variantes dos mesmos fenomenos, e investigações de suas causas.

Vê-se que os frades têm pachorra para tractar d'estas ninharias, de que os sabios fallam, sem d'ellas saberem tractar. Por isso os frades lhes fazem sombra e metem medo, e por isso os não querem os doutores formados nos botequins, porque, como nada sabem,

se não houvessem frades, que são os homens da sciencia, da abnegação e do trabalho, que figurões elles não faziam, os taes *sabios!*

Mas os frades não acabam porque a ignorancia é ainda grande, e como não appareceram ainda outros mestres, todas as nações terão frades. Voltarão os frades, fiquem d'isso certos.

E as freiras voltarão tambem, porque em Portugal já se vae dizendo d'ellas bem, já vão desaparecendo os terriveis preconceitos, que durante annos pesaram sobre a consciencia de muita gente.

Tornou-se moda berrar dos conventos, dizer mal dos frades, e, o que é mais ainda, das proprias freiras, d'essas mimosas florinhas, que fogem do mundo.

O Sr. Gabriel Pereira, que não conhecemos, publicou no *Manuelinho de Evora* um artigo sob o título de *O convento de Santa Clara*, artigo interessante, que lemos com prazer, e com o mesmo prazer vamos d'elle transcrever um pouco para que os profanos na materia conheçam o que seja um convento de freiras, e para calar a bocca aos maus, aos que berram das freiras por systema de seita.

Escutemos o sr. Gabriel Pereira :

«Quando visitei o convento, (1) estavam alli 38 pessoas. O habito azul e o véo branco é muito agradável á vista. Já-mais esquecerei o aspecto suave e alegre dos grupos das meninas do côro, caminhando pela arcada da quadra; um effeito inesperado, novo para mim, e que jámais, provavelmente, tornarei a ver. A senhora abbadessa tivera delicadeza de convocar as meninas do côro para as apresentar ás duas damas que nos acompanhavam; soou uma campainha, e pouco depois as meninas passavam pela arcada, dirigindo-se ao côro; o habito, a singeleza das dobras, as pregas do véo, o tom azul, realçam as elegancias, as formosuras naturaes; passavam sob a arcada, ora na luz viva, ora nas faxas de sombra; um effeito unico. Depois, quando entrámos no côro, estavam ellas no cadeirado, á nossa direita; a sr.ª abbadessa, a mãesinha, doce e significativa designação com que em geral, nos conventos, tratam as superiores, assentou-se no lado opposto, em cadeira especial; e estabeleceu-se amena conversação.

Não conhecem umas senhoras beatas, mui palradeiras em falso, fazendo

tregeitos mysticos, resando muito e dizendo mal de tudo? pois eu imaginava que nos conventos havia deposito de tal fazenda; erro completo, em todos vi das mas de distinctas maneiras e conversação sincera, franca, sem reservas, como nem sempre se encontram em salões de boa sociedade; anaveis e respeitaveis, sem mysticismos nem pieguices.»

Ora tomem lá esta confissão insupezita, certamente, os que julgam os conventos um covil de mulheres sem educação, sem desenvolvimento intellectual, fugindo a todos e vivendo a vida das maldizentes.

Tomem lá essa confissão e guardem-a, junto com a seguinte lição que da Hespanha lhes vem:

Havia em Coimbra dezenas de casas religiosas, pertencentes aos frades,



ILHA DE SANTA HELENA

casas de que os governos revolucionarios tomaram conta, e apesar de tudo não ha actualmente em Coimbra uma casa para aquartelar um *regimento* de tropa!

As garras sacrilegas dos inimigos dos frades, perdida a preza que ha 50 annos pilharam, agarram-se agora ás casas das freiras, e, ao mais futil pretexto poem na rua as virgens do Senhor. E' que tem fome os revolucionarios portuguezes, de devassidão e miseria, mesmo quando ambas as cousas ali campeam horrorosamente, e por isso querem trançar as portas do claustro para que a desgraça, para que o infortunio, não tenha um abrigo á sombra da cruz.

Por isso cem mulheres, que viviam vida religiosa no convento de Santa Anna em Coimbra foram, ou vão ser postas fóra do seu convento, para lá se accommodar parte da guarda pretoriana dos *governadores* d'estes reinos, que em nome da *liberdade* e da sua impia omnipotencia, caminham ovantes no caminho da destruição e da ruina de Portugal.

Ao canto grave das monjas vae suc-

ceder o praguejar da soldadesca, e as cellas, onde fizera innocente ninho a Virgem christã, vão ser convertidas em caserna.

E não nos consta que na casa onde se reúnem os homens, que por escarneo se chamam representantes do povo, se erguesse um voz em prol das pobres religiosas, ou, pelo menos, em prol do direito de propriedade, que a todos assiste!

Não assim em Hespanha. Ali, como aqui os governos teem-se apoderado dos bens da Egreja, mas ao menos, e isto deve servir de consolação aos nossos vizinhos, não se faz, não se pratica um só acto de, força e tyrannia contra as Ordens religiosas sem que se berre *A' de El-Rei, ladrões!* Ainda ha pouco, tratando-se no Senado da questão de meios para o palacio de justiça, que o governo sorripiou ás freiras Salesias, o nobre conde de Gualqui fez um magnifico discurso, do qual traduzimos estas linhas:

«Por mais que se gaste com o novo edificio, o edificio continuará a ser um convento e não palacio da justiça. E é além de tudo um escarneo arremessado ás faces da justiça o nome que se quer dar a essa casa, que se tirou ás monjas, commettendo-se o roubo mais iniquo.»

Por este paiz á beira mar plantado, não ha homens que nas Camaras defendam os interesses das freiras, ainda que ellas tenham o mesmo direito á posse de suas casas, que pôde ter e tem qualquer proprietario.

Com o mesmo direito, porque se não manda despejar a casa a algum deputado, Par do Reino, ou titular de Coimbra para accommodar a soldadesca?

Não será tarde! Virá ainda esse tempo!

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

O Pantheon

VINTE e sete annos antes da era christã mandava Agrippa levantar em Roma um templo dedicado a todos os deuses do Olympo. De uma sumptuosidade pasmosa, como os romanos costumavam construir os seus templos, teria a sorte de todos os outros se não fosse consagrado ao culto catholico. E' o unico edificio do culto pagão, que se conserva tal qual existia no tempo da Roma dos Cesares.

(1) Refere-se ao convento de Santa Clara, de Evora.

O Papa Bonifacio IV consagrou-o a Santa Maria dos Martyres, em 610, e em 830 foi dedicado a todos os santos, ao ser instituida a festividade que com a mesma invocação, se faz no dia 1 de novembro.

Onde o paganismo ostentava as estatuas dos seus deuses, são reverenciadas hoje as imagens dos santos e martyres do christianismo. A construcção circular, rodeada de uma formosa columnata, dá ao templo um aspecto magestoso, e o portico, levantado á entrada sustentado por 16 columnas corinthias, de granito, torna-o verdadeiramente grandioso. As portas do templo são de bronze e tão pezádas, que, a não ser o auxilio de roldanas, seria impossivel movel-as. O interior, onde tudo é marmore, no tecto, nas paredes, nas columnas, no pavimento, é alumiado tão somente por uma abertura redonda aberta no alto da cupula, por onde entra o sol, a chuva, o que lhe dá um aspecto inteiramente novo e surpreendente.

No Patheon descancam os restos mortaes de muitos homens celebres.

A nossa gravura dá uma ideia perfeita d'este templo maravilhoso, o que nos dispensa de maiores detalhes, porque já demos os principaes.

II

As Pyramides do Egypto

(Glorias do Napoleão I)

ENTRE os antigos as pyramides do Egypto eram contadas entre as sete maravilhas do mundo, e não é para admirar uma tal classificação, porque, a maior d'estas pyramides eleva-se 138 metros acima da terra estando avaliado o seu volume em 2.562:576 metros cubicos! E se recordarmos, que para a construcção d'estes tres colossos, que a nossa gravura representa, trabalharam, durante 30 annos cem mil homens, temos dito tudo para collocar no melhor lugar entre os raros monumentos antigos, as pyramides do Egypto.

Junto d'essas pyramides, levou um dia seus soldados o homem mais ambicioso, o soldado mais ty annicamente despota, que tem conhecido os seculos modernos. Napoleão I, o homem que pela sua temeridade chegára ás inígnias do Imperio, occupara o lugar dos reis da França e fizera tremar, com o galopar de seus esquadrões e com o arrastar da sua pesada artilheria, a Europa e o Mundo, tentou subjugar a India, marchando de Toulon em 19 de maio de 1798, cercado de generaes e homens de guerra, acompanhado de sabios, e de homens da sciencia.

Celebradas já na antiguidade, fica-

ram sendo celebres nos tempos modernos essas pyramides junto das quaes Napoleão derrotára as forças inimigas, escrevendo na areia dos desertos, com a ponta da sua espada mais uma data, grandiosa nos feitos do maior aventureiro dos seculos hodiernos. E as palavras com que elle estimulava seus soldados são hoje lembradas, pelo effeito que produziram.

«Soldados, do alto d'estas pyramides quarenta seculos vos contemplam.»

III

A Ilha de Santa Helena

(Reveses do Napoleão I)

O homem que se julgava digno de ter a seus pés as coroas de todos os potentados da terra, e que, levado pelo genio da guerra, se esquecera de Deus, apresionando o Papa, praticando elle, e seus soldados, que se tornaram perfectos bandidos, toda a casta de patifarias, oprimindo os povos, que surgiam ameaçadores do pó levantado com a marcha triumphal dos exercitos da França athea, teve dias de tristeza de acre amargura, de remorso e de submissões aos designios de Deus.

Depois da famosa batalha de 15 de junho de 1815, em Waterloo, a estrella de Napoleão não mais brilhará, e foi, por ordem de Inglaterra esconder-se bruxuleante entre as rochas de Santa Helena, até que de todo se apagára com a morte do Cesar desthronado, occorrida em 5 de maio de 1821, na idade de 52 annos. A nossa gravura representa o sitio da sepultura onde o cadaver do desventurado jazera 19 annos, d'onde foi transportado para os Invalidos, em Pariz, no tempo de Napoleão III.

Foi o que a Providencia deu, na hora ultima, ao homem que achava pequeno o mundo para si! E ainda felizmente que sua alma morreu, de certo, com os confortos da Religião, que elle tanto perseguira. A seguinte narração, que encontramos ha tempos n'um jornal estrangeiro, prova o que deixamos

dito, e prova tambem a grandeza de Deus e a sublimidade da augusta religião por Elle ensinada. Eis a narração:

«Haverá trinta annos que o Arcebispo de Bordeus, se achava em Aixles-Bains (Saboia), e foi chamado junto do leito onde jazia a filha de um bravo general das guerras do primeiro imperio. O veneravel Prelado, ao ouvir a doente fallar da Religião como poucas pessoas o saberiam fazer, commoveu-se até verter lagrimas de consolação, e perguntando-lhe de quem aprendeu aquellas instrucções, teve a seguinte resposta:

«Monsenhor: depois de Deus devo a minha educação religiosa ao imperador Napoleão. Achava-me com minha familia na Ilha de Santa Helena, quando tinha a idade de dez annos. Um dia disse-me o Imperador: Minha filha, tu és formosa, e mais formosa serás ainda d'aqui a alguns annos e então terás tua belleza exposta a grandes perigos n'este mundo, perigos a que não poderás nem saberás resistir, se não estiveres armada com o forte escudo da religião. Mas teu pae não tem religião, e tua mãe, tambem a não tem. Como resistirás, filha minha, ás tempestades da vida? Servir-te-hei eu, n'este ponto, de pae e mãe; assumirei o dever que a elles incumbem. Vem amanhã, e eu te darei a primeira lição.

E durante dois annos consecutivos, em varios dias da semana, ensinou-me o Imperador o cathecismo. Em cada dia me fazia ler uma lição, e em seguida explicava-m'a. Quando cheguei aos doze annos, um dia, aproximando-se mais de mim, disse-me: — Creio que já estás sufficientemente instruida, e o que deves é pensar seriamente em fazer a tua primeira communhão. Eu me encarregarei de mandar vir de França um sacerdote digno, que te prepare para um acto, que é o mais importante da tua vida, e o mesmo sacerdote me preparará para a morte.

E o Imperador cumpriu a sua palavra, e eu fui uma mulher christã.»

Como são grandiosos os teus designios meu Deus!

R.

SECÇÃO LITTERARIA

Impressões

(FRAGMENTO DE UM LIVRO)

Eu sinto no meu seio a voz immaculada
que diz amôr e Deus!

Aspiro ao terno bem na luz d'esta alvorada...
e leio sonhos meus!...

São nuvens côr de rosa os sonhos de minha alma,
são iris de bonança;

a paz vem recordar-me os hymnos do poeta...
e os brincos de creança!...

Nas bandas do poente, ás horas do sol-posto,
eu vejo a me sorrir
a imagem que me traz, em lyra suspirosa,
a gl'oria do porvir!...

A onda, que desmaia em rocha solitaria,
parece que me diz:
—«Condõe-te do gener que levo em meu destino...
e canta e sê feliz!...»

.....

E tudo me sorri, no céu da mocidade,
aos brilhos ideaes!...
Oh! quero ser feliz na quadra venturosa
das flôres immortaes!...

J. Pestana

RETROSPECTO DA QUINZENA

AS nossas visitas n'esta quinzena foram poucas, e nem o tempo permittia que fossem mais. Deus nos livre de sahir de casa com tal tempo!

Das asperezas de Basto, baixou a Guimarães, e, catholico e portuguez ás direitas, não podia, estando no berço da Monarchia, deixar de visitar-nos, o antigo assignante do *Progresso Catholico* e nosso amigo, o Exc.^{mo} Sr. José Maximo de Carvalho. Pela primeira vez tivemos tambem a visita do exc.^{mo} snr. Domingos Lopes da Silveira Pinto, de Fervença. Não esquecemos nunca o favor de taes visitas.

E mais nada, a não ser a visita de muitos amigos, ecclesiasticos e seculares, das diversas terras do concelho, que não mencionamos, porque, louvores a Deus, e á amisade de tantos amigos, devemos taes visitas amiudadas vezes. A todos, pois, o nosso agradecimento.

A um espirito catholico não podem esquecer as memoraveis datas que vamos referir: 20 de fevereiro, anniversario da eleição do nosso Santo Padre Leão XIII; 2 de março, anniversario do seu nascimento; 3 de março, anniversario da sua coroação. Dias de regosijo devem ser estes para todos os nossos leitores, e para todos os catholicos; por isso os memoramos, pedindo a Deus, que muitas vezes tenhamos de o fazer.

Viva Leão XIII! Viva o Papado!

Vem de longe as *tratantulas* dos padres, e por isso não nos devemos admirar de que hoje á luz do seculo dozenove, elles pratiquem ainda as taes proezas, de edificar casas para asylos, de levantar estabelecimentos de caridade.

Já vem de longe! Ainda no dia 6 de fevereiro se completaram 255 annos depois do nascimento de Balthasar Guedes, um padre que teve a lembrança de fundar um collegio para orphãos, lembrança que realiso, lançando-lhe a primeira pedra a 21 de novembro de 1631. Este estabelecimento é o que ainda hoje se admira no Porto com o nome de Collegio dos Orphãos.

Ora vejam que *patife!* E fez mais ainda: reedificou a igreja do Hospital da misericordia da mesma cidade!

Honra-se o Porto em contar entre seus filhos mais benemeritos este sacerdote, que foi tilho de Luiz da Costa Rosa, negociante que vivia tambem no Porto, onde falleceu o nosso heroe a 6 de outubro de 1693.

Não é de hoje, fiquem certos d'isso os inimigos dos padres.

Outra *patifaira* dos padres é a que praticou pouco ha em Africa o Revd.^o Sebastião José Pereira, padre da missão portugueza de S. Salvador do Congo. Conhecemol-o antes da sua partida para a Africa, depois de concluidos seus trabalhos no seminario de Sernache do Bom Jardim.

Este sacerdote de Christo e cidadão de Portugal, realiso uma viagem perigosissima com o fim de descobrir um meio de comunicação facil entre S. Salvador e Rivi, pelo rio Lunida, viagem feita n'uma jangada, que muitas vezes foi necessario desfazer para a reconstruir de novo em sitios mais distantes. Durante dez dias, por entre precipicios em meio das feras, e por vezes com risco de perder a vida, por se aproximarem de principes hostis.

E' interessante a descripção que de esta viagem nos dá um jornal da India, descripção que, por extensa, não transcrevemos; mas sempre damos a noticia para que os *bravos* descendentes dos

bravos, saibam o que fazem os padres missionarios por terras d'alem-mar.

E porque elles, os padres, tanto merecem os desprezos dos espiritos fortes, não devemos nós os humildes, esquecer-mo-nos d'elle, mesmo depois de mortos.

Oremos, pois, pela alma do Revd.^o P.^o Antonio Duarte da Rocha, assignante do *Progresso Catholico*, fallecido ha pouco em Castro Daire com 84 annos de idade.

Oremos, que a oração é orvalho que sobe da terra ao céu.

Bravo, bravissimo, homens do poder em Hespanha! Quem não terá lóas que entoar em louvor vosso?!

A seguinte noticia que nos dá a *Revista Popular*, de Hespanha, é assaz bastante para mostrar o que seja um governo ás direitas:

«Um hespanhol, mandou de Paris, onde reside, umas 3 ou 4 mil mantas para os infelizes filhos da Andaluzia. As mantas chegaram a Madrid, mas ficaram retidas, porque se exige que paguem direitos de importação; e em quanto se decide, se os direitos devem ser pagos pelo cofre da subscrição nacional, ou se por qualquer outro cofre, vão as mantas apodrecendo, o os pobres andaluzes vão supportando o frio!»

Já se viu um disparate de tal ordem? Pagar direitos uma esmola! Que, sejamos francos, por aqui até se pagam direitos dos presentes que nos fazem.

E então, calar, porque temos por casa a mesma lei, impera aqui tambem a mesma tyrannia que opprime os povos de alem-Caia.

Cá e lá, más fadas ha!

Digam-nos que não peza a maldição de Deus sobre os compradores (e os vendedores) dos conventos; nós havemos de continuar a dizer que ella peza e com todo o seu poder sobre esses possuidores do alheio.

O notavel escriptor o snr. Vilhena Barbosa, publicou ha pouco um artigo formoso, como sua Exc.^a os sabe fazer, acerca do Mosteiro de S. Jeronymo no Valle de Penha Longa em Cintra. Se um dia houvermos espaço publicar-se-ha n'esta revista um tal artigo; por agora só nos basta transcrever o seguinte, que prova o que a principio escrevemos:

«O mosteiro e a quinta da Penha Longa foi comprada á fazenda nacional pela extincção das ordens religiosas, pelo duque de Saldanha. Este comprador vendeu-a ao snr. Linderberg, que foi um dos primeiros negociantes de Lisboa. Annos depois a propriedade foi ha-

vida pelo snr. Thomaz Maria Bessone, visconde de Bessone. Foi d'este cavalheiro que passou ao snr. visconde da Gandarinha.

Ora uma propriedade, nas melhores condições, perto da capital do reino, e que, em 50 annos chega ao quinto possuidor, é caso, e caso para ser mencionado.

Mencionamol-o, pois e nada mais.

Ao ler-se a seguinte noticia fica a gente com desejos de viver em Constantinopla, antes que no fidelissimo reino de Portugal. Leia-se e pasme-se de uma procissão na capital da Turquia, onde se mesclavam os habitos de todas as Ordens religiosas:

«Trasladação da reliquia de S. Chrysostomo. Realisou-se em Constantinopla, no dia 14 do corrente, esta esplendida solemnidade.

A simples noticia da transladação da sagrada reliquia atraiu a Constantinopla extraordinario concurso de fieis, tornando-se assim uma festa espontanea, imponente, uma verdadeira demonstração de Piedade e devoção para com o grande Protector de Constantinopla.

A sagrada reliquia foi transladada, da capella particular da delegação apostolica para a cathedral, em procissão solemne, na qual tomaram parte os superiores de todas as ordens religiosas ali existentes e o clero catholico dos diferentes ritos: latino, grego, armenio, bulgaro, melchita, maronita e georgiano, formando assim, pela diversidade de seus habitos, um *ensemble* de agradável aspecto.

As ruas do percurso regorgitavam de povo, das janellas, deante das quaes passou o cortejo, embandeiradas e com colchas de valor, choviam flores em grande profusão.

Levava o sagrado relicario Mgr. Rotelli com habitos pontificaes. Chegado o cortejo á cathedral, celebrou missa solemne o arcepreste e cura da cathedral, D. João Dacus. Ao Evangelho Mgr. Rotelli, que assistia pontificalmente, pronunciou um discurso brilhante, obra-prima de eloquencia e elevação, que impressionou tão viva e agradavelmente o auditorio, que Mgr. Rotelli tem sido instantaneamente rogado para lhe dar publicidade pela imprensa.

Esta solemnidade deslumbrante e magestosa terminou pela benção das santas reliquias de Chrysostomo.

Ao meio dia, depois das vespas, S. G. delegado apostolico transportou procissionalmente o relicario para a capella do Santo e o entregou oficialmente ao arcepreste da cathedral. Depois d'isto foram os fieis admittidos a beijar a sagrada reliquia.»

Senhores! peço-lhes por caridade que suspendam as suas gargalhadas, porque desejo que a seguinte noticia seja lida com a maxima seriedade. A ella, pois:

«O Ceremonial maçonico. O tribunal de Toronto, America, vae julgar brevemente uma questão de certo original.

Um mação exige consideravel quantia por perdas e damnos á loja maçonica, por ferimentos que lhe praticaram na sessão de recepção, e que segundo os medicos, lhe põem a vida em perigo.

A loja maçonica admite como verdadeiras as declarações do queixoso, mas diz que ella fazendo aquillo apenas se conformara com o seu ceremonial, e que o querellante devia ter declarado que não era bastante robusto para supportar essas provações.»

Commentar uma tal noticia seria ridiculo, penalisar-nos pela desgraça do fraco, que não pôde supportar as provas, tambem não, que é falta de caridade, e condemnar os fortes quando elles teem tanta graça, tambem não faremos. Toca, pois, a rir dos *pobres homens*.

J. de Freitas.

~*~*~*~

Boletim do monumento a Pio IX, o Grande

XLIII

DESDE o n.º 11 do 6.º anno do *Progresso Catholico*, que não publicamos este boletim, o que não deve admirar, porque já não somos a Commissão, nem com ella tratamos a tal respeito, por ella assim o querer.

Este boletim vê hoje a luz da publicidade porque temos que dar noticia de um artigo ácerca do hymno, e por que temos algumas offertaes que accusar.

Ha mezes fôra para a serra uma carreada de pedra destinada ao monumento, caso que não annunciaramos porque a festa não nos enthusiasmou. Gostamos, n'estas cousas de muita festa, muito barulho, muito enthusiasmo! Mas, a Commissão la sabe.

Sigamos a rota costumada:

O hymno e a imprensa da «Ordem», de Coimbra

(de 19 d'agosto de 1883)

«Hymno do Monumento a Pio IX, editado pelo snr. Teixeira de Freitas.

Recebemos 2 exemplares d'este

hymno, composto expressamente para as solemnes festas que se fizeram em Guimarães no dia 18 de maio de 1882, quando se deu começo ao monumento a Pio IX, no alto daserra de Santa Catharina.

A musica é do revd.º Padre Eugenio da Costa Araujo Motta, e a letra são versos do mavioso e festejado poeta *João de Lemos*, cujo só nome dá valor a qualquer composição.

O hymno do monumento está sendo cantado e tocado em muitos pontos de Portugal, e n'esta cidade, além de varias casas particulares em que já se toca, ouvimos-o tocar no orgão de Santa Thereza, na festa de N. S. do Carmello.

O hymno custa 300 réis, e o seu producto liquido, deduzidas as despesas da impressão, reverterá para as obras do monumento.

Muitos parabens ao snr. Teixeira de Freitas, que tem a honra de nunca ter editado obra que não fosse catholica, pelo que lhe damos sinceros parabens, fazendo votos por que elle alargue sua propaganda.»

Mil agradecimentos ao nosso esclarecido collega.

Segunda subscripção recolhida pelo «Progresso Catholico» para as obras do monumento

Dos ex.ªª srs.:

| | |
|--|-------|
| Padre João José Vieira... | 500 |
| Padre João Antonio Pacheco | 25000 |
| Francisco Ignacio Bezerra do Rego Abreu e Lima, 3.ª offerta..... | 500 |
| Joaquim Antonio dos Reis. | 200 |

Somma..... 35200

Transporte do n.º 11 do 6.º anno..... 2435000

Somma..... 2465205

A algumas pessoas que se queixam de não ver aqui mencionadas as quantias que teem offertado para o monumento, respondemos o seguinte: — A Commissão não está, officialmente, em boas relações com o *Progresso Catholico*.

E temos respondido.

Teixeira de Freitas.